OS INFAMES E A PRAIA: PRÁTICAS DE DIVERTIMENTO NO CASSINO/RS EM MEADOS DO SÉC. XX[1]

Gustavo da Silva Freitas

Meri Rosane Santos da Silva

RESUMO

O Cassino, localizado na cidade do Rio Grande/RS, extremo sul do Brasil, foi inventado na última década do século XIX como um balneário planificado à moda europeia, sob a argumentação de ser um empreendimento destinado à sociabilidade balnear de famílias ricas e tradicionais da cidade e região. Na linha de desnaturalizar uma possível consolidação dessa compreensão histórica pela suspeita da presença e circulação de uma gente não famosa que igualmente ocupou o local estabelecendo com ele vínculos de pertencimento, dedicamo-nos a construir algumas memórias com base na oralidade dos próprios infames residentes no local em meados do século XX. As práticas de divertimento atinentes ao espaço da praia foram tomadas como recorte analítico para o estudo.

PALAVRAS-CHAVE: memórias; infames; Praia do Cassino.

POR UMA HISTÓRIA-PROBLEMA

Fundado como um balneário no fim do séc. XIX, o Cassino está localizado no extremo sul do Brasil, pertencente ao município de Rio Grande. Considerada como uma península, banhada por oceano e lagoas, a cidade desenvolveu uma aptidão econômica advinda dessa condição, sobretudo pelas movimentações do porto marítimo inaugurado por volta de 1870.

A existência do mesmo se tornou um canal de comunicação com a Europa, funcionando como porta de entrada não só de produtos industrializados, mas também provocando a chegada de imigrantes que decidiram se instalar na cidade deslumbrados com o avanço tecnológico e prospectando um imediato e profícuo processo industrial (ENKE, 2005). O desenvolvimento econômico alavancado protagonizou uma mudança cultural para o município, principalmente à sua parcela elitizada, visível na adoção de comportamentos, hábitos e modismos da cultura europeia. Dado esse contexto, somado às características geográficas da cidade e à implantação, na época, de uma rede ferroviária pela Carris[1] para

[1] Companhia Carris Urbanos do Rio Grande foi uma empresa instalada na cidade em 1884, responsável pela articulação do "Projeto Balnear Cassino", a partir da ligação e exploração do litoral através de linhas férreas (FERREIRA, 2012).

ISSN 2175-5930

expansão do comércio e turismo na região sul do estado (Ibid., 2005), passou a ser crível para essa elite pensar na construção de uma estação balnear igualmente espelhada naquilo que vinha ocorrendo na Europa, destinada ao lazer e aos prazeres de famílias ilustres da cidade e região durante os períodos de veraneio (PEREIRA, 2005).

Essa criação de um balneário planificado (TORRES, 2009) fez com que o Cassino não fosse, a princípio, ocupado por qualquer cidadão. A preocupação em defini-lo como um lugar destinado às famílias de sobrenome foi percebida, entre outros aspectos, pela arquitetura dos casarões dispostos ao longo da avenida principal do balneário, pela instalação exitosa de casas de jogos de azar espalhadas pelos hoteis do balneário – o que fez com que o local fosse conhecido como Cassino –, ou ainda, pelo exercício de algumas práticas com ares nobres como o footing e o jogo de criket à beira-mar.

Esses aspectos contribuíram para que se reconhecesse determinada configuração de estar e circular no Cassino. No entanto, essas formas de estabelecer vínculos de pertencimento com o local não foram harmônicas se tomarmos as práticas sociais como resultantes de relações de poder (FOUCAULT, 2008). Nessa perspectiva, ao mesmo tempo em que uma elite apareceu tentando demarcar território, uma gente não famosa se fez presente, uma vez que há relatos por parte de famosos, que a praia, à tarde, era ocupada por aqueles que realizavam serviços domésticos ou por senhoras de vida fácil que frequentavam a zona portuária (PEREIRA, 2005).

O estudo em questão investiu, assim, na potencialidade da presença de uma gente infame (FOUCAULT, 2006) no Cassino, construindo algumas de suas memórias no balneário em meados do séc. XX, utilizando as práticas de divertimento[2] como recorte analítico, especialmente àquelas vinculadas à beira da praia. Quem seriam esses infames? Partindo da impossibilidade de nomeá-los em seu "estado livre", de fazê-los aparecer por si mesmos, escapamos da suficiência de apontá-los senão por conta dos jogos de poder (FOUCAULT, 2006). Os infames foram produzidos na pesquisa no encontro com os famosos. Entre as alternativas de se fazer isso optamos por uma produção no nível da oralidade.

[2] A opção pelo termo deve-se ao uso social atingido junto aos entrevistados. Ele acabou fazendo mais sentido do que, por exemplo, práticas corporais. Sem a intenção de defini-lo, trabalhamos com o que dele nos foi dito: a) intercorriam não apenas em ocasiões excepcionais, mas em meio a acontecimentos ordinários; b) podiam acontecer tanto no tempo considerado livre do trabalho quanto se confundirem com ele; c) nem sempre sinalizavam um dispêndio maior de energia em sua realização; entre outros aspectos.

ISSN 2175-5930

UM TANTO DE POSTURA INVESTIGATIVA

Foi através da entrevista com dois famosos que construímos um rosto para a infâmia localizada no Cassino, cujos feitios foram desenhados mais à base de ocupações, tais como capatazes, domésticas, charreteiros, do que diretamente por sobre(nomes). A posterior identificação e seleção dos sujeitos que constituiu a rede de entrevistados (BOM MEIHY; HOLANDA, 2007) decorreu da participação de uma pessoa chamada Nando Ribeiro, reconhecida no balneário como "*filho do cassino*" devido a uma herança familiar que sobreviveu no local, na maior parte do tempo, sobre o lombo de um cavalo.

Pelo conhecimento e camaradagem nutrida com os moradores do Cassino, Nando trouxe cinco infames para o estudo: Homero Pinto (Seu Homero), 88 anos, morador no local desde 1925, trabalhou com parelhas de pesca na praia, mas era popular pela sua habilidade como mecânico; Antonio Renato Ribeiro, 58 anos, carroceiro por legado do pai que atuava como peão nas estâncias localizadas no balneário; Eupídio da Costa (Negão Eupídio), 80 anos, chegado no Cassino em 1948, atuou a maior parte do tempo na construção dos primeiros prédios na localidade; Roberto dos Santos, "nascido e criado" no Cassino desde 1936 onde trabalhou e foi dono de parelhas de pesca; Dilza Fangueiro (Vó Dilza), chegou ao Cassino em 1939, com 18 anos, para trabalhar de empregada doméstica em casas de quem ela chamava de doutores.

Cinco entrevistas com "*cassineiros legítimos*" como costumavam intitular a si mesmos diferenciando-se daqueles que apareciam somente em época de veraneio, a quem pormenorizavam chamando de cassinenses. O entrelaçamento das falas foram carregadas pela potência da presença do Nando em todas entrevistas, algo que não estava previsto e que aconteceu por uma imponderação investigativa, a qual foi assumida durante o próprio processo.

Ressaltamos que todo processo está referenciado teórica e metodologicamente na história oral promulgada por Alessandro Portelli (2010), para quem a subjetividade de quem fala parece ser fundamental quando o que importa não é o fato em si, mas a oralidade do fato. Ainda que se remetam a um "meio social dinâmico" (a cidade, o trabalho, o bairro, o lar), "valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados", em nenhuma hipótese, "as lembranças de duas pessoas são exatamente iguais" (PORTELLI, 1997, p. 16).

ISSN 2175-5930

OS CASSINEIROS E A PRAIA

Praia do Cassino é uma das maneiras usuais de se chamar a totalidade geográfica compreendida pela fusão da praia em si à urbanização constituída no local. Aqui, usitamos praia toda vez que nos reportarmos ao ambiente formado entre a contínua faixa de areia próxima ao mar e o próprio mar. Essa praia foi trazida à baila pelos infames via algumas das ocupações que exerceram ou viram ser exercida com força no local. A pesca artesanal foi uma delas, canalizando grande parte das histórias, já que foi colocada por todos como uma prática que sustentava muita gente.

"Naquela época, meu pai tinha parelha de pesca, no inverno não tinha ninguém, não tinha ninguém, só tinha o pessoal das parelhas. Tinha seis parelhas ou sete e trinta, quarenta homens, ficavam aí, movimentavam esses bares aí. O meu pai financiava pro pessoal, os outros também financiavam pra eles, mas até novembro, por aí. Quando chegava em novembro aí vinha as contas, tinha que fazer as contas pra pagar a parelha né?" (ROBERTO, 2014).

Ainda que o número de parelhas de pesca variasse conforme o depoente, se nota uma mobilização de grandes proporções em torno dessa ocupação. As parelhas eram integradas por dezenas de homens, crianças às vezes, divididos em várias funções (patrão, pescador, cozinheiro, ajudante de cozinheiro). Elas eram desempenhadas por moradores do Cassino que se dedicavam apenas a isso ou que a intercalavam com outra atividade (agricultura, pecuária, obra, motorista).

As parelhas começavam a funcionar no início do inverno e paravam um pouco antes do verão. Eram maior ou menor estruturadas em virtude da quantidade e qualidade de caminhões, barcos, redes e traquejos junto à prática. Antes de atingir esse dimensionamento, Seu Homero lembra que as circunstâncias passadas num dia de pescaria eram mais incertas e precárias, uma vez que iam a pé até os molhes [distante 7km do centro do Cassino], saindo a "*qualquer hora, às vezes de dia, de noite*", apenas com a "*rede e o carrinho de mão*". Tempos depois, segundo ele, o resultado de um dia de pesca começou a ser recolhido de charrete, caminhonete, caminhãozinho vindo a se transformar nas "*parelhas com barco e canoa*".

Com o tempo, os dias de pesca passaram de casuais a rotineiros. A absorção crescente de pessoas para trabalhar, a aquisição de recursos materiais cada vez mais propícios à prática em nível de médio porte, e as condições de escoamento da produtividade alcançadas foram substanciais nesse processo. Conta o Roberto que, tão logo clareava o dia, a jornada

ISSN 2175-5930

principiava partindo ao mar numa canoa a remo em direção aos faróis do Sarita e do Albardão[3], e só "*voltava para o barraco à meia-noite*". Depois, as empresas do "*Torquato Ponte, do Chico Furtado e Abel Dourado*" mandavam seus caminhões para apanhar a soma pescada no dia.

Essas empresas levavam o nome de três dos portugueses que chegaram capitalizados em Rio Grande, entre 1890 e 1930, e que se reuniram para combinar atividades comerciais. Suas indústrias formaram um parque fabril no setor dos pescados que atuava em várias frentes de processamento: salga, congelados, enlatados e em subprodutos como óleo e farinha (MARTINS, 2006). Parte da matéria-prima fornecida às indústrias sobrava tamanha a imponência dos dígitos que o Roberto fez questão de frisar sobre os "*lanceios"* diários que duravam de 3 a 4 horas:

"Era o tempo do caíco..."traz o caíco e vamos dar uma lance na boca do Cassino'. Eram umas quatro horas, o sol ainda tava...[silêncio] *40 toneladas de miragaia, num lance! Num lance! Lanceou um terno, pô, tinha cada miragaia com mais de 25 quilos cada uma. E a noite toda tirando miragaias, pilhas de miragaia na praia, 41 toneladas, tchê! Daí no outro dia, o sol tava quente, tava bom, mas tinha muita pescadinha também. No mesmo lugar, ali na mãe Iemanjá* [ponto central para quem chega na praia]*: 30 toneladas de pescadinha eles pegaram. Toneladas hein! O caminhão não puxava o peixe, ficava aí, pilhas de peixe na praia, pilhas!"* (ROBERTO, 2014).

Por certo, as longas distâncias percorridas, a extensa duração de um dia de pesca e a pesada quantidade de peixes dão o tom da grandiosidade com que os depoentes referem a si mesmos e as coisas que faziam. Sem interessar a precisão dos números, percebe-se que a praia, para esses pescadores, não se resumia a uma área de encantamento. Muito menos era tida como território destinado e restrito à estação quente. Ao contrário, a praia era para ser apreendida para que nela, antes de qualquer coisa, se pudesse conviver e trabalhar durante o inverno.

Dito pelo Roberto, o período entre maio e dezembro tinha de ser aproveitado para a pesca levando-se em conta que as parelhas estavam instaladas numa parte da praia cara ao veraneio dos cassinenses (para o lado dos molhes), pois havia uma proibição para funcionarem ali. No verão, complementa Antonio, a pesca das parelhas era permitida da

[3] Ambos foram instalados na praia em 1909 para sinalização náutica, auxiliando as embarcações que navegavam entre a costa de Rio Grande e o Uruguai. Estão distantes 55km (Sarita) e 125km (Albardão) do Cassino em direção ao Chuí, fronteira com Uruguai.

ISSN 2175-5930

Querência em diante, ou do "*navio pra lá*"[4]. De qualquer forma, isso não causava tantos transtornos, segundo Roberto, porque os cardumes das variadas espécies que surgiam em profusão no Cassino tinha a ver com a temperatura da água, sendo farto no inverno e escasso no verão. O próprio entrevistado reforçou essa condição afirmando que a calmaria das águas e o vento que soprava do leste, "*nem precisava ser bem sul*", eram indicadores que o peixe "*estava de rolo aí*". Em dias ruins e de mar bravo, os quais eram constantes, não se podia lancear. Nesses dias, os pescadores artesanais perdiam a mareada (quantidade de peixes resultante de um dia de pesca) para os barcos que faziam o arrasto pela costa antes do alcance das parelhas.

Mesmo nesses dias adversos não deixavam de vigiar a praia, nem mesmo enquanto cumpriam pequenos serviços aceitos para driblar o prejuízo causado pela jornada negativa na pesca. Seu Homero se lembra de carregar pela praia, a mudança de famílias brasileiras e uruguaias que saiam de Santa Vitória do Palmar em direção ao Cassino. Já Roberto, era o "*prático*" que os chegados de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro procuravam para conduzi-los ao Chuí, distante mais de 200km, na fronteira com o Uruguai.

> *"*[...] *porque eles não conheciam praia, não sabiam andar, e a praia sempre foi respeitada, né? Diziam: 'Roberto, dá pra levar esse carro lá no Chuí?', 'Dá, levo sim'. Aí levava, três horas, duas horas e meia daqui do Cassino até lá o Chuí. Eles pagavam, pagavam bem, né, e a gente se safava. E então eu vinha embora e tomava conta da parelha de novo. E controlava a praia porque daqui até o Chuí, nesses intervalos, eu controlava a praia como é que tava, se dava pra ir pescar, se dava pra ir andando, então, a gente controlava assim"* (ROBERTO, 2014).

O monitoramento constante das condições naturais vigorava como uma ação inerente àqueles que trabalhavam nas parelhas, afinal, muitos viviam *da* praia. Dela provinha o dinheiro capaz de suster as necessidades básicas, sobretudo, no período mais gelado do ano. Mas, nesse momento, talvez estejamos diante de mais do que uma atenção aguçada a esses elementos, senão, a produção de uma sensibilidade proporcionada pela repetida experiência de estar *na* praia – e *no* Cassino – durante o inverno. A sensação de frio, a proximidade com a temperatura e o ritmo das águas, o enfrentamento dos ventos característicos da região, o

[4] O Navio Altair ou simplesmente "navio" naufragou na costa de Rio Grande em junho de 1976, devido a uma tempestade. Está encalhado a 12km do centro do Cassino para o lado contrário aos Molhes, e serve como ponto de referência na praia mesmo quando se remete a acontecimentos anteriores ao seu naufrágio.

ISSN 2175-5930

contato com a areia e a movimentação das dunas, engendraram modos de se experimentar a natureza, e, por ela, ser educada nas práticas cotidianas, inclusive, no tocante aos divertimentos.

A praia, nesse sentido, era incorporada de tal maneira por aqueles que nela viviam a trabalho que afetava o que consideravam como divertimento. Em vários momentos a prática mencionada se dava em meio a uma atividade laboral ou numa prolongação dela. Nas idas e vindas ao Chuí, por exemplo, ou quando não se conseguia retornar ao barraco da parelha de pesca no fim do dia pelas condições alteradas do mar, se buscava socorro num dos cinco hoteis[5] existentes no caminho entre o Cassino e àquele fronteiriço município. Seu Homero, Antonio e Roberto usufruíram desse socorro "*sem pagar nada*" e se divertiam "*só de ficar na volta*", conversando e olhando o pessoal que estava hospedado. Ainda no meio da conversa com o Roberto, ele diz:

"Na praia a gente se divertia sempre, sempre tinha diversão, cavar marisco, sempre tinha uma coisa pra inventar na praia. Marisco tinha muito, te lembra Nando? Hoje não tem mais marisco na praia. Acabaram com tudo. Era um lugar de diversão. Não pra mim, não! Não porque não me dedicava a essa parte, ia só pro serviço. Pra cavar marisco, pescava, botava uma redinha pra lá, vendia peixe pro pessoal, esse era a minha".
Entrevistador: "Mas o senhor via as pessoas se divertindo?"
Roberto: "Claro, exatamente. Eles compravam aquelas barraquinhas que eles faziam na praia pra botar as roupas deles ali, dependuravam, botavam a roupa ali. Sempre ficava um cuidando ali e eles iam tomar banho. Eles faziam isso aí defronte ao hotel, onde é o barracão ali. Era ali que o pessoal se divertia ali, quer dizer eles vinham da cidade, no tempo do trem, o pessoal em vinte, trinta vagões, cheio de gente, iam pra praia né?"

Por parte dos depoentes havia a percepção de que a praia estava mais para os cassinenses do que para os cassineiros como local de divertimento. Isso se contarmos um tipo de diversão mais voltada para os banhos e outras práticas à beira-mar durante o verão, e desconsiderarmos o cavar marisco, a venda de peixe, o lançar de uma redinha despretensiosa, o circular nos hoteis da praia, todas elas, como práticas de divertimento que aconteciam no inverno. De nossa parte não as descartamos enquanto tais, mesmo que se mesclem ou se confundam com alguma ocupação laboral. Está nítida, portanto, "uma relação dos moradores

[5] Nas falas identificamos a existência de cinco hoteis que podiam ser acessados pela praia. Tinham por objetivo principal hospedar viajantes, turistas e até moradores da região interessados nos casinos de jogos, prática que foi proibida em nível nacional no governo de Eurico Gaspar Dutra, em 1946. No entanto, no encontro com o Antonio, percebeu-se que os jogos continuaram na clandestinidade até a interrupção definitiva durante a presidência de Janio Quadros, em 1961.

ISSN 2175-5930

e de muitos que acessaram a praia, mais conectada à ideia de trabalho, de lugar de onde provém o sustento, do que iniciativas ligadas aos planejamentos de lazer e sociabilidade balnear" (FERREIRA, 2010, p. 83).

Tanto que alguma configuração de divertimento na praia descolada à ideia de trabalho foi aparecer somente quando os infames foram provocados por uma questão específica. Isso alterou a referência temporal que eles adotaram em seus relatos, indo da estação fria para a estação quente. Seguindo essa lógica e alegando que "*não se tinha muito tempo pra isso*", pelo dedicação irrestrita ao trabalho, a Vó Dilza deu sinais de que frequentava esporadicamente a praia.

"Depois que nasceram as crianças, eu nunca levei. Os meus filhos que levavam as crianças, a criançada daqui era uma criançada bárbara. Se juntava a criançada, então, sabe o quê que a gente fazia? Botava uma corda em cada um, todo mundo pegando numa corda pra não se dispersar. Era neto por todo lado. Eu ia pra praia, quando não eram minhas filhas, as mais velhas que moravam aqui, que levava as crianças pra praia. Mas tudo assim, pra não se dispersarem, porque tudo aqui era campo, era mato. Tinha lugares pra se passar, porque tinha uma erva que nascia que era grande e, era espinhosa, tudo espinho" (VÓ DILZA, 2014).

Afora as preocupações com os espinhos e com o "*gado brabo*" encontrado no caminho, o ato de amarrar os netos nos faz imaginar a numerosidade de pessoas na praia durante o verão. Pela continuidade da conversa com a Vó Dilza, essa lotação acontecia independente do turno, pois ela e sua família saíam sem horário pré-determinado, era mais quando dava vontade, algo "*de repente, quando tivesse bastante sol*". Na praia, contou que "*só tomavam banho*" e antes de voltar para a casa, comiam o lanche que haviam levado.

Enquanto permanecia à beira-mar, Vó Dilza observava diferentes maneiras de se comportar naquele espaço. Os donos dos casarões que ficavam na avenida e os hospedes do Hotel Cassino alugavam uma estrutura que chamavam de barraca[6]. Era um pano estendido na vertical, preso a estacas, posicionado de acordo com o sol de modo a oferecer sombra no "*banquito*" de madeira que completava a estrutura. Essas barracas eram fixadas dentro de uma grande área cercada por cordas chamada de Quadrado ou Quadro, o qual era montado logo que terminava a avenida principal e começava a praia como forma de distinguir as famílias

[6] Segundo o Negão Eupídio, cada quarto de hóspedes dava direito a uma barraca de praia. Sabe disso porque, quando jovem, trabalhou de empregado do hotel e era responsável pela montagem das barracas às 9h da manhã, retirando-as por volta das 18h.

ISSN 2175-5930

que tinham mais poder aquisitivo. Porém, apesar de ter sido comentada pela Vó Dilza, essa situação não ecoou entre os infames entrevistados, porque, de certa forma, a praia não os capturava tanto assim para divertimento, ou, mesmo entre aqueles que iam, dentro ou fora do Quadrado, estar lá a seu modo já era o bastante.

Uma outra maneira percebida pela Vó Dilza e igualmente mencionada pelo Seu Homero estava relacionada aos que chegavam de trem "*sábado e domingo, no verão, nos dois meses de verão, três meses, vinham de Pelotas, Pedro Osório e Rio Grande*". Esses dificilmente alugavam as barracas. Os que queriam tomar banho usavam "*casinhas de madeira*" numeradas que ficavam logo que se chegava à praia.

"Na praia, naquele tempo, era assim, tinha um barracão, alto do chão, assim, alto, era um quadradão grande. Ali era um bar e tinha quatro corredorzinhos de casinha, guaritinhas assim, quatro corredor de casinha pra turma trocar a roupa, pagavam, né, ali e ficava o troço direitinho. Tinha uma bomba de puxar água do chão ali, assim, pra se enxaguarem e lá bem nos fundos tinha quatro latrinas. Aí o pessoal trocava de roupa ali e ia pra praia, outros, vinham com roupa, só pra tirar a roupa de cima, a roupa de baixo era traje de banho. Chegavam na praia tiravam, lá botavam uma estaquinha e ficavam tomando banho tranquilo e ninguém mexia em nada, tomava um banho depois vinham ali, tava a mesma coisa. Parava um bocado [de gente] *porque escorria água, né, depois enfiavam a roupa e pegavam o trem, pegavam ônibus e iam embora"* (SEU HOMERO, 2014).

Pelas características descritas, essas "*casinhas*" aparentam ser o que ficou conhecido como casas de banho[7]. A partir da popularização dos banhos de mar, essas casas foram deslocadas do cotidiano das cidades para a entrada das praias com vistas a oferecer, entre outros serviços, um lugar onde se pudesse substituir a roupa rígida por uma mais leve e adequada para o banho (MELO, 2007). A utilização desse lugar estava associada ao pessoal que fazia o vai-e-vem entre as cidades e a praia, saindo pela manhã e retornando ao final do dia.

Já os infames que residiam no Cassino dispensavam qualquer tipo de pagamento para estar à beira-mar, fosse pela inacessibilidade às barracas, ou por prescindir do uso das casas de banho para trocar de roupa. Perguntada sobre onde ficavam e o que vestiam quando iam à praia, Vó Dilza respondeu que "*já iam com aquele roupão, depois tiravam lá, deixavam ali na beira da praia junto com o sapatinho*". Sem detalhá-lo, apenas disse que por baixo dele já

[7] As casas de banho ocuparam as cidades em meados do séc. XIX, em meio às preocupações com a saúde e o saneamento, pois inexistia uma estrutura adequada para a distribuição de água (MELO, 2007).

ISSN 2175-5930

vestia seu traje de banho, um maiô de lãzinha "*que não deixava tudo de fora, tudo bem tapadinho*".

Tal resposta carrega elementos históricos que indicam uma maneira de lidar com a exposição do corpo naquele local durante o banho de sol ou de mar. Segundo Soares (2011), essa exposição do corpo nas praias foi merecedora de um conjunto de prescrições de ordem técnica e moral por parte do discurso médico e publicitário brasileiro no final do séc. XIX e, especialmente, nas primeiras décadas do séc. XX. Tais endereçamentos provinham de um crescente interesse pela pele por parte das classes privilegiadas da sociedade europeia e, por conseguinte, brasileira, e uma preocupação em relação "à aparência e aos seus consequentes cuidados", o que incluía aí, "suas características de distinção dada pela tonalidade" (SOARES, 2011, p. 47).

Para a autora, a década de 30 foi fundamental nesse contexto por consolidar o processo de valorização de uma pele mais escura, desde que eficazmente conquistada através de determinadas técnicas de bronzeamento. Entre elas, o banho de sol no horário e duração adequados era destacado pelos médicos como aquele que traria múltiplos benefícios ao corpo, aproximando-o aos ideais de beleza, saúde e poder, até então mais vinculados à cor branca[8]. Entretanto, cabe notar que a estada na praia da Vó Dilza e de sua família segue outras orientações que não necessariamente oriundas dos médicos, já que iam para a praia quando dava vontade; desde que "*tivesse bastante sol*"; sem qualquer tipo de refúgio que os protegesse dos raios solares; e com longo tempo de exposição ao sol, pois só retornavam para casa depois do banho e de fazer o lanche.

Outro fator que chama atenção diz respeito às vestes que Vó Dilza usava para ir à praia. A modelagem das roupas em geral e, particularmente das de banho foi influenciada pelo "simples ato de expor o corpo ao sol" (Ibid., p. 60). Nesse sentido, houve um gradativo desnudamento do corpo pelos trajes de banho logo nas primeiras décadas do séc. XX, sobretudo, relativo às mulheres. Tratava-se da adoção de vestimentas mais funcionais, feitas de material mais apropriado e conectadas à moda. Esse despir-se foi "mais tranquilamente aceito entre as classes média e alta" (ibidem), que saíram do espartilho, da camisa manga

[8] Do séc. XVI ao séc. XVIII a concepção de beleza estava atrelada ao embranquecimento da pele, uma vez que "ela testemunha em primeiro lugar a limpeza da alma, mas impõe-se também como norma social que exprime a superioridade das *classes ociosas* e a decorrente leitura da colagem entre a cor branca e uma ideia de retidão de caráter" (SOARES, 2011, p. 50 – grifo da autora).

ISSN 2175-5930

longa e do corpo escondido para entrar nos maiôs de duas peças, leves e decotados. Ainda que o tecido da roupa de banho da Vó Dilza fosse de lã, aderindo ao material aconselhado na época, ela não parece seguir uma linha ousada, visto sua ressalva de não mostrar muito o corpo.

A exibição do corpo feminino na praia, portanto, entrava no "jogo das aparências" (SOARES, 2011). A presença da mulher em trajes de banho não apenas denotava uma eficiência e elegância em funcionamento à beira-mar, mas, acima de tudo, uma sedução pelos olhares. Essa era a única motivação encontrada pelo Negão Eupídio para aproveitar o local como divertimento:

"Não, a praia pra mim era só no horário do banho das empregadas, a tarde só tinha banho das empregadas, o rico não ia tomar banho a tarde [...] *os ricos iam só de manhã, a tarde não iam no banho das empregadas e quando eu arrumava uma folga eu ia ou se não eu tava trabalhando, não dava tempo"* (NEGÃO EUPÍDIO, 2014).

Tamanha atração em olhar o banho das empregadas insinuava que o desnude da mulher em locais públicos não deixava de ser uma novidade para a época. Sendo à tarde, em turno específico, de acordo com a divisão posta pelo Negão Eupídio, ou misturadas a outras pessoas, como relatado pelos demais cassineiros, as mulheres infames "apareciam" na praia.

Não se pode descartar que parte dessa estada, principalmente no caso das empregadas, tinha relação direta com seus afazeres. Segundo a Vó Dilza, das mulheres que moravam no Cassino, a maioria trabalhava como empregada doméstica. Elas cozinhavam, limpavam e levavam, para lavar em casa, trouxas de roupas usadas pelos membros da família para quem trabalhavam. Assim, ficaram conhecidas por frequentarem a praia à tarde, após o cumprimento das obrigações servis, arrastando com elas àqueles que se interessavam em vê-las tomando banho.

É razoável imaginar que essa situação ajudou a convencionar a ideia de que o turno da manhã era reservado para que a elite tomasse seu "*banho chique*", enquanto que o turno da tarde poderia ser frequentado por qualquer pessoa. Em parte, essa convenção economicamente referenciada existia, mas não explica universalmente as formas distributivas de usufruir a praia. Tanto que entre os dois infames que se mostraram brevemente fisgados por ela, assim o foram por motivações que pouco ou nada nos remete a questão econômica – a Vó Dilza ia a qualquer momento desde que tivesse bastante sol e o Negão Eupídio com interesse mais na empregada no que na praia.

ISSN 2175-5930

Em linhas gerais, chama atenção a tímida representatividade com que a praia foi apropriada pelos infames enquanto local para práticas de divertimento, algo que merece reflexão através de dois fatores mutuamente relacionados: o de não serem interpelados pela esfera do empreendimento balnear; nem pelos fins terapêuticos preconizados pela voz médica à época. Assim, acompanhamos os rastros de Ferreira (2012), quando afirma que "a relação entre o discurso terapêutico e a criação do balneário merece cuidados, pois a livre associação entre ambos, por si só, não explica o empreendimento levado a cabo pela empresa Carris" (p. 87).

O autor propõe uma leitura cautelosa nas fáceis aproximações entre praia e cura. Isto porque, ao se debruçar sobre documentos produzidos pela empresa Carris, notou que os mesmos projetavam os banhos de mar no Cassino como um "negócio a ser explorado, operando a questão terapêutica mais como uma das possibilidades de uso do que, genuinamente, o motivo central para o deslocamento ao litoral" (Ibid., p. 85). Para isso, buscavam atrair os chamados "interessados", ou seja, donos de hoteis e terrenos que pudessem construir casas no novo empreendimento, e assim, investir num local com potencial para práticas de sociabilidade e distinção social durante a estação quente (FERREIRA, 2012). Com essa ressalva, é na vivência do local planejado que vai se encorpar o argumento dos fins terapêuticos junto à natureza, principalmente, vinculados aos banhos de mar.

Esses passaram a ser valorizados no Brasil no contexto de crescimento das preocupações com o saneamento das cidades e com a saúde da população, sendo prescritos e regulamentados por médicos (MELO, 2007). Os banhos de mar estavam embutidos em um "universo de modos, atitudes e saberes (que devem ser conhecidos) e que são requeridos pela civilização burguesa para a manutenção da ordem" (SOARES, 2004, p. 32), os quais foram operados por um pensamento médico-higienista.

Essa pensamento surge no Brasil nas primeiras décadas do séc. XX, sob forte preocupação com as doenças ocupacionais e demais enfermidades causadas no período de industrialização. Com o objetivo de proteger a população, conservando a saúde pública e individual em direção ao progresso, os partícipes do movimento higienista exigiam medidas intervencionistas por parte do Estado na criação de políticas públicas nas áreas da educação, habitação e saúde (GÓIS JUNIOR, 2000).

Somado a isso, as descobertas científicas feitas pela Medicina muniam os intelectuais de subsídios para o equacionamento dos problemas de saúde pública através da higiene. É

ISSN 2175-5930

aqui que o banho em geral e os banhos de praia em específico despertaram, em uma parcela da população brasileira, o desejo pela costa a fim de acompanhar as políticas higiênicas, sanitárias e morais que começaram a ser implantadas no país (SCHOSSLER, 2010).

Acreditava-se que o movimento bravo do mar, a baixa temperatura da água e sua sanilidade atuavam proficuamente sobre o corpo, revitalizando suas energias. Tal crença interpelou grande parte da população brasileira, no entanto, não reverberou entre os entrevistados. Aliás, nem o dos fins de empreendimento luxuoso e distinto para que se pudesse usufruir da temporada de banhos, nem o de um local prescrito para fins terapêuticos.

No primeiro caso, tal finalidade não ressoou entre os infames uma vez que eles migraram para o Cassino na busca de terrenos mais baratos para fixar residência, ou, ainda, atraídos pela possibilidade de acessar uma atividade laboral. Nesse caso, viver *no* e *do* Cassino durante todas as estações fez com que eles não criassem entre si a expectativa de enxergar a praia como destino de férias, de descanso, de divertimento, questões até então pertinentes ao planejamento de verão daqueles que não moravam próximos à praia.

Assim, reforçamos que a praia foi significada pelos infames mais pela via do trabalho do que divertimento, o que encaminha a reflexão para o segundo caso: a apropriação da natureza pelo viés científico e moral alinhada à ordem higienista foi ignorada pelo infames que, por sua vez, demonstraram uma apropriação pela experiência passada junto a ela. As sensações que eles experimentaram na praia produziram, respectivamente, saberes acerca das condições para o labor, da probabilidade de peixes ou da trafegabilidade à beira-mar, e não necessariamente saberes que os interpelavam com fins medicinais. Enfim, os saberes das experiências passadas pelos infames junto às condições naturais encontradas no Cassino fizeram com que lhes fosse produzido um sentido maior à temporada de pesca do que à temporada de banhos.

A PRAIA COMO HETEROTOPIA DE UM BALNEÁRIO

Sem a intenção de carimbar ou universalizar estas apropriações, constata-se que a praia foi um lugar de presença e circulação dos infames em meados do séc. XX. Do ponto de vista dos infames, as interfaces estabelecidas com os famosos na praia foi movida mais por convenções sociais do que afeitas a exclusões. As vontades de distinção promovidas pelas famílias de sobrenome precisavam da presença dos infames para serem legitimadas. De outra parte, os infames ocuparam maciçamente a praia na estação fria, o que não deixava de ser

ISSN 2175-5930

interessante para eles por ser uma época propícia ao trabalho. Já durante o veraneio, enquanto a praia era o argumento para o deslocamento de muitos ao litoral, para os infames pareceu ser um lugar como outro qualquer, aproveitado por acaso como divertimento.

Nesse sentido, permanecer no local enfrentando a estação fria, segundo os infames, caracterizava o legítimo cassineiro. Para tanto, suas histórias foram envoltas numa contação de tom épico com "forte presença de um descrever explicativo, cuja característica dominante é o inusitado, o surpreendente, o incomum da experiência vivenciada" (MONTENEGRO, 2010, p. 56).

Testemunhamos, a partir disso, a inversão de uma lógica do veranear para o invernar já que os infames e os famosos usufruíam do local sob motivações distintas. Esses últimos foram se apropriando do Cassino como sendo o destino do tempo de férias, noção essa criada "como mudança necessária das atividades e do gênero de vida", em que "o descanso e os benefícios da natureza parecem oferecer uma contrapartida ao modo de vida urbano e industrial" (MARTIN-FUGIER, 2009, p. 212-213).

Essa divisão não funcionou de maneira idêntica com os infames. Morar no local que era rota de férias de outros significava apenas aumentar as alternativas de trabalho, as quais tinham por objetivo fazer uma poupança a ser administrada durante o inverno. O ano para os infames que residiam no Cassino não compreendia a noção de férias, tanto é que em nenhum momento fizeram menção a elas.

Em síntese, num período caricaturado como de uma sociedade de classes (elite *versus* assalariados), a informalidade parece reforçar a ideia de que os infames entrevistados pertencem a um *Cassino outro*. Por sua vez, as práticas de divertimento como um todo acompanharam esse deslocamento de viver à lógica do invernar. Se, por um lado, os famosos cassinenses criaram o Cassino como um espaço de veraneio, os infames cassineiros confiaram a produção daquele local como um *outro espaço*, um espaço singular "de contestação simultânea mítica e real" (FOUCAULT, 2009, p.146), uma heterotopia de nosso tempo.

THE INFAMOUS AND BEACH:

PRACTICE OF FUN IN CASINO/RS IN MID CENTURY XX

ABSTRACT

Casino, located in Rio Grande / RS, southern Brazil, was invented in the last decade of the nineteenth century as a resort planned for European fashion, under the argument of being a

venture for the beach sociability rich and traditional families city and region. In line denaturalize a possible consolidation of this historical understanding the suspected presence and movement of a non-famous people who also occupied the site establishing links of belonging with it, we are dedicated to build some memories based on orality own infamous residents on site in the mid-twentieth century. Fun practices pertaining to the beach space were used as analytical approach to the study.

KEYWORDS: Memory; Infamous; Cassino Beach.

LOS INFAMES Y LA PLAYA:

PRÁCTICAS DE DIVERTIMENTO EN CASSINO/RS EN MEADOS DEL SIGLO XX

RESUMEN

Cassino, ubicado en la ciudad de Rio Grande/RS, extremo sur de Brasil, fue inventado en la última década del siglo XIX como un balneario planificado a la moda europea, bajo argumentación de ser un emprendimiento destinado a sociabilidad balnear de familias abastadas y tradicionales de la ciudad y región. En la línea de desnaturalizar una posible consolidación de esa comprensión histórica por la sospecha de la presencia y circulación de una gente no famosa que igualmente ocupó el local estableciendo con él vínculos de pertenencia, nos hemos dedicado a construir algunas memorias con base en la oralidad de los propios infames residentes en el local en meados del siglo XX. Las prácticas de diversión atenientes al espacio de la playa fueron agarradas como recorte analítico para el estudio.

PALABRAS CLAVES: Memorias; infames; Playa de Cassino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOM MEIHY, J.; HOLANDA, F. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

ENKE, R. G. *Balneário Villa Sequeira*: a invenção de um novo lazer (1890-1905). 2005. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS. São Leopoldo, 2005.

FERREIRA, F. N. *Ao sul do sul o mar também é pampa*: sensibilidades de verão na Villa Sequeira, Rio Grande/RS (1884-1892). 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2012.

FERREIRA, F. R. Ciência e Arte: investigações sobre identidades, diferenças e diálogos. *Educação e Pesquisa*, v. 36, n. 1 p. 261-280, jan-abr 2010.

FOUCAULT, M. Outros espaços. In: MOTTA, Manoel B. (org). *Ditos e Escritos III*: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.

_____. Sobre a história da sexualidade. In: _____. *Microfísica do Poder*. 25 ed. Organização e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal. 2008. p. 243-276.

_____. A vida dos homens infames. In: _____. *Ditos e Escritos IV*: Estratégia poder-saber. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 203-222.

GÓIS JUNIOR, E. *Os Higienistas e a Educação Física*: a história dos seus ideais. 2000. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, UGF, Rio de Janeiro, 2000.

MARTIN-FUGIER, A. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michele (org). *História da vida privada 4*: da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

MARTINS, C. A. A. *Indústria da pesca no Brasil***:** o uso do território por empresas de enlatamento do pescado. 2006. 223 f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2006.

MELO, V. A. *Dicionário do esporte no Brasil*: do séc. XIX ao início do séc. XX. Campinas: Autores Associados, 2007.

MONTENEGRO, A. T. *História, metodologia, memória.* 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PEREIRA, C. M. *Memórias de um Balneário*: patrimônio edificado do Cassino**.** 2.ed. Rio Grande: SALISGRAF, 2005.

PINHEIRO, M. T. G. *A fundação do balneário Cassino ao final do século XIX e sua expansão e transformação no decorrer do século XX*. 1999. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geociências, UFSC. Florianópolis, 1999.

PORTELLI, A. *Ensaios de História Oral* [seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago; tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago]. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____. *Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História, n 15, Ética e História Oral. PUC–SP, abril, 1997.*

SCHOSSLER, J. C. *"As nossas praias"*: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900-1950). 2010. 220 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

ISSN 2175-5930

SOARES, C. L. *As roupas nas práticas corporais e esportivas*: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940). Campinas: Autores Associados, 2011.

_____. *Educação Física*: raízes europeias e Brasil. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

TORRES, L. H. T. *Balneário Cassino*: o nascimento do banho de mar planificado no Brasil. Rio Grande: Editora da FURG, 2009.

ISSN 2175-5930